

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Ucuúba-do-Cerrado

Virola sebifera

volume

4

Ucuúba-do-Cerrado

Virola sebifera

Fotos: Francisco C. Martins



Fazenda Sucupira, DF



Ucuúba-do-Cerrado

Virola sebifera

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o sistema de classificação baseado no *The Angiosperm Phylogeny Group (APG) II* (2003), a posição taxonômica de *Virola sebifera* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Angiospermae

Clado: Magnoliídeas

Ordem: Magnoliales

Família: Myristicaceae

Gênero: *Virola*

Espécie: *Virola sebifera* Aublet

Primeira publicação: Hist. Pl. Guiane Franc. 2: 904, tab. 345, fig. 1-5. 1755.

Sinonímia botânica: *Myristica sebifera* Swartz (1788); *Myristica mocoa* A. De Candolle (1860); *Virola boliviensis* Warb. (1897); e *Virola warburgii* Pittier (1937).

Nota: essa espécie tem uma sinonímia considerável, disponível em Rodrigues (1980), em Rengifo Ruíz e em Lao Magín (1990).

Nomes vulgares por Unidades da

Federação: no Amazonas, ucuúba; no Distrito Federal, bicuíba, ucuúba-do-cerrado, ucuúba-vermelha e virola; em Goiás, pindaíba-roxa; no Maranhão, ucuúba; em Mato Grosso, ucuúba-do-cerrado; em Minas Gerais, árvore-de-sebo, bicuíba, café-do-mato, pau-de-sebo, pindaibão, sebosa e vermelhão; no Estado de São Paulo, bicuíba, ucuúba e virola; e em Tocantins, ucuúba-do-cerrado.

Nota: nos seguintes nomes vulgares, não foi encontrada a devida correspondência com as Unidades da Federação: árvore-de-cera, árvore-de-graxa, bequiba, bicuíba-vermelha, lacre, pau-de-mato, pindaíba, ubucuba, ucuúba-da-folha-larga, ucuúba-da-terra-firme, ucuúba-de-capoeira, ucuúba-de-sebo, ucuúba-do-mato, ucuúba-preta, ucuúba-vermelha, ucuubarana, ucuubinha, urucurana-vermelha e urucuúba.

Nomes vulgares no exterior: na Bolívia, *sangue de toro*; na Colômbia, *sota amarilla*; no Equador, *chalviande*; no Peru, *cumala* e na Venezuela, *virola*.

Nome comercial internacional: *virola*.

Etimologia: o nome genérico *Virola*, escolhido por Aublet, para denominação de seu novo

taxon, foi tirado do nome vulgar de *Virola sebifera*, usado pelos índios Sinerami, da Guiana Francesa (RODRIGUES, 1980); o epíteto específico *sebifera* quer dizer que produz cera ou sebo, o óleo contido nas sementes (LITTLE; DIXON, 1983; SILVA JÚNIOR; PEREIRA, 2009).

Descrição Botânica

Forma biológica e estacionalidade: *Virola sebifera* é uma espécie arbustiva a arbórea, de comportamento sempre-verde ou perenifólio a semidecíduo, de mudança foliar. Contudo, ao longo do ano, apresenta brotação contínua.

As árvores maiores atingem dimensões próximas a 35 m de altura e 130 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta. Contudo, é encontrada como arbusto, medindo 1 m de altura (RODRIGUES, 1982).

Tronco: é tortuoso. O fuste é acanalado na base, muitas vezes com sapopemas pobremente desenvolvidas.

Ramificação: é dicotômica. A copa é irregular, formada por largos ramos horizontais, distintamente verticilados; frequentemente os raminhos são rugosos, a princípio densamente tomentosos (com tricomas estrelados desde a base ou irregularmente ramificados, com cerca de 0,2 mm de comprimento), passando a puberulentos ou glabrescentes, com a idade.

Casca: mede até 20 mm de espessura (RODRÍGUEZ ROJAS; SIBILLE MARTINA, 1996). A casca externa ou ritidoma apresenta coloração marrom a pardo-escura, finamente fissurada, dando a aparência de ser um pouco rugosa; o ritidoma pode desprender-se em pequenos pedaços irregulares. A casca interna é rosada, passando a roxo-escura quando exposta ao ar; tem sabor amargo, com exsudato roxo, escasso a medianamente abundante, com fluxo rápido.

Folhas: são simples, alternas, dispostas num só plano. A lâmina foliar ou limbo é coriácea, veludosa-ferrugínea, oblonga, ovada ou elíptica, ou deltoide-oblonga, medindo de 15 cm a 30 cm de comprimento por 4 cm a 10 cm de largura, com base cordada, arredondada ou obtusa, com ápice agudo, acuminado na página superior que é glabra; na página inferior, densa e tomentosa, com tricomas dendríticos e estrelados com 3 a 5 ramificações; o pedúnculo é articulado; a nervura é mediana e saliente impressa nas faces dorsal e ventral; as nervuras secundárias são em número de 12 a 20 de cada lado, retas ou arqueadas; às vezes, apresentam-se irregulares; as vênulas

são planas na página superior, e proeminentes na inferior; o pecíolo é levemente canaliculado, mede de 2 mm a 5 mm de diâmetro e de 7 mm a 16 mm de comprimento; é tomentoso como os raminhos.

Inflorescência: as flores de *V. sebifera* estão agrupadas em inflorescência do tipo panícula. A inflorescência masculina é livremente ramificada, densiflora, medindo de 6 cm a 23 cm de comprimento e de largura; o pedúnculo mede de 1,2 cm a 7 cm de comprimento. A inflorescência feminina é mais curta em relação à masculina, medindo de 3 cm a 7 cm de comprimento, quase o mesmo de largura; tomentela como a inflorescência masculina; pedúnculo de 4 mm a 40 mm de comprimento.

Flores: são pequenas (3 mm e 4 mm de comprimento para flores masculinas e femininas, respectivamente). As flores masculinas são dispostas em 3 a 10 cachos por inflorescência, cada um com 6 a 22 flores. As flores femininas apresentam-se isoladas ou em pequenos fascículos de 2,5 cm.

Fruto: é uma cápsula deiscente, a qual se abre em duas partes. Tem formato elipsoide, medindo 1,5 cm a 2,0 cm de comprimento e cerca de uns 2 cm de diâmetro; o pericarpo mede de 0,05 cm a 0,15 cm de espessura; a superfície é densamente pubescente, ferrugínea, com pelos de até 1 mm de comprimento.

Esse fruto está inserido numa infrutescência frequentemente maior do que a inflorescência, com 10 a 30 frutos maduros por infrutescência. Em cada fruto, há uma única semente.

Semente: é ovoide-elipsoide, medindo de 1,4 cm a 1,8 cm de comprimento, envolta por um arilo avermelhado e laciniado ao menos até o meio de seu comprimento e geralmente mais profundamente.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: essa espécie é dioica (RODRÍGUEZ, 1982; RODRÍGUEZ ROJAS; SIBILLE MARTINA, 1996).

Numa população estudada em Uberlândia, MG, houve maior frequência de indivíduos masculinos e nenhum indivíduo mudou de sexo, indicando marcante estabilidade na expressão sexual dessa espécie (LENZA; OLIVEIRA, 2006).

Sistema reprodutivo: é parcialmente apomítica (LENZA; OLIVEIRA, 2006).

Vetor de polinização: Lenza e Oliveira (2006) não puderam definir os polinizadores efetivos

dessa espécie, mas observaram a visita de *Ornidia obesa* (Diptera: Syrphidae).

Para esses autores, é possível sugerir que os polinizadores de *V. sebifera* sejam insetos muito pequenos, como besouros de hábitos noturno ou pequenos Thysanoptera e Homoptera, capazes de penetrar no tubo da corola, em busca de pólen.

Floração: a floração é anual, massiva e prolongada, do tipo cornucópia e os indivíduos masculinos floresceram precocemente e por um período mais longo que os femininos (LENZA; OLIVEIRA, 2006).

A ucuúba-do-cerrado tem sido encontrada florescendo durante todo o ano (RODRIGUES, 1980); de setembro a abril, no Distrito Federal (SILVA et al., 1990; SILVA JÚNIOR; PEREIRA, 2009); de dezembro a maio, em Minas Gerais (LENZA; OLIVEIRA, 2006); de janeiro a abril, em Goiás (RODRIGUES, 1982); de janeiro a novembro, no Pará; de fevereiro a abril, em Mato Grosso; de fevereiro a julho, no Maranhão; em março, em Tocantins; de março a agosto, no Acre; em abril, no Amapá; de abril a maio, no Amazonas; e de julho a agosto, em Roraima.

Frutificação: frutos maduros ocorrem de fevereiro a março, no Distrito Federal (SILVA et al., 1990); de maio a outubro, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo; em julho, em Rondônia (RODRIGUES, 1980).

Dispersão de frutos e sementes: zoocórica (MANTOVANI; MARTINS, 1993; WEISER; GODOY, 2001), notadamente animais silvestres e a avifauna, destacando-se, tucanos (*Ramphastus* spp.) e jacus (*Penelope* sp.) (RODRIGUES, 1980; LIMA et al., 1999) e hidrocórica, principalmente na Amazônia (ALMEIDA et al., 1998).

Ocorrência Natural

Latitudes: desde 12°N, na Venezuela. No Brasil, de 3°35'N, no Amapá, a 21°40'S, no Estado de São Paulo.

Variação altitudinal: de 30 m, no Espírito Santo, a 1.300 m, na serra dos Pirineus, GO, perto de Corumbá de Goiás (RODRIGUES, 1980).

Distribuição geográfica: *Virola sebifera* ocorre na Colômbia (RODRÍGUEZ ROJAS; SIBILLE MARTINA, 1996), no Equador (LITTLE; DIXON, 1983), na Guiana Francesa (DÉTIENNE, 1982), no Peru (RENGIFO RUÍZ; LAO MAGÍN, 1990) e no Suriname (RODRIGUES, 1980).

No Brasil, essa espécie ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 62):

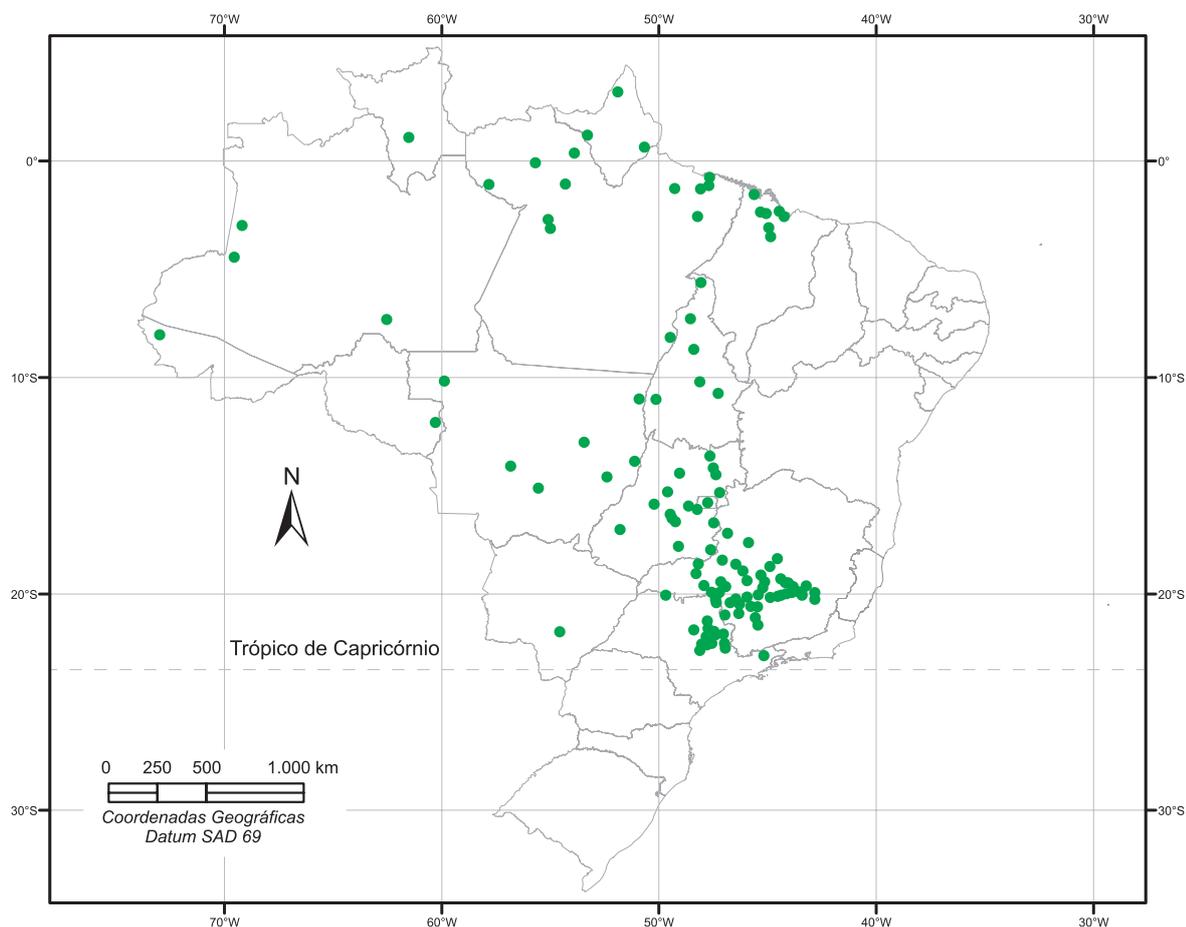
- Amapá (RODRIGUES, 1980; AZEVEDO et al., 2008).
- Amazonas (RODRIGUES, 1980).
- Distrito Federal (WALTER; SAMPAIO, 1998; PROENÇA et al., 2001).
- Goiás (RIZZO, 1970; RIZZO et al., 1979; RODRIGUES, 1982; IMAÑA-ENCINAS; PAULA, 1994; PAULA et al., 1996; MUNHOZ; PROENÇA, 1998; SILVA et al., 2004).
- Maranhão (RIBEIRO, 1971).
- Mato Grosso (MATTOS, 1972; OLIVEIRA FILHO; MARTINS, 1986; PINTO, 1997; MARIMON; LIMA, 2001; IVANAUSKAS et al., 2004).
- Minas Gerais (MOTA, 1984; CARVALHO, 1987; BRANDÃO et al., 1989; BRANDÃO; ARAÚJO, 1992; BRANDÃO; GAVILANES, 1992; SILVA FILHO, 1993; BRANDÃO; GAVILANES, 1994; BRANDÃO et al., 1995b; LACA-BUENDIA; BRANDÃO, 1995; CARVALHO et al., 1996; ARAÚJO et al., 1997; BRANDÃO et al., 1997a; BRANDÃO et al., 1998; PEREIRA; BRANDÃO, 1998; VILELA et al., 1999; WERNECK et al., 2000a; SAPORETTI JÚNIOR et al., 2003a; SAPORETTI JÚNIOR et al., 2003b; GOMIDE, 2004; OLIVEIRA-FILHO et al., 2005).
- Pará (RODRIGUES, 1980; ALMEIDA; VIEIRA, 2001).
- Rondônia (MIRANDA et al., 2006).
- Roraima (RODRIGUES, 1980).
- Estado de São Paulo (VIEIRA et al., 1983; MANTOVANI et al., 1985; PAGANO et al., 1989; TOLEDO FILHO et al., 1989; BRANDÃO et al., 1995d; NAVE et al., 1997; CAVALCANTI, 1998; BATALHA; MANTOVANI, 2001; BERTONI et al., 2001; WEISER; GODOY, 2001; MARQUES et al., 2003; TOPPA et al., 2004; TEIXEIRA; RODRIGUES, 2006; SASAKI; MELLO-SILVA, 2008).
- Tocantins (RODRIGUES, 1982; SANTOS, 2000; BRITO et al., 2006).

Aspectos Ecológicos

Grupo sucessional: *Virola sebifera* é uma espécie pioneira (ALMEIDA et al., 1998) ou clímax exigente em luz (PINTO, 1997).

Importância sociológica: essa espécie distribui-se esparsamente ou de forma agrupada (NETTO, 1992).

A ucuúba-do-cerrado é uma árvore emergente, ocorrendo em ambiente de Floresta Secundária,



Mapa 62. Locais identificados de ocorrência natural de ucuúba-do-cerrado (*Virola sebifera*), no Brasil.

com 10, 20 e 70 anos de idade, no Pará (ALMEIDA; VIEIRA, 2001).

Virola sebifera é uma das espécies mais abundantes na floresta secundária (7,7% da área basal), mas é uma espécie escassa na floresta primária (0,8% da área basal).

Nesses sítios, a ação de predadores é o principal fator restritivo nessa etapa do ciclo de regeneração (LIMA et al., 1999).

Contudo, no Peru, é considerada uma espécie com alta capacidade de regeneração natural por meio das sementes, tendo sido observada abundância relativa em toda a amplitude da vegetação secundária (RENGIFO RUIZ; LAO MAGÍN, 1990).

Biomass (IBGE, 2004a) / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004b) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Amazônia

- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Amazônica), na formação das Terras Baixas, no Amapá (AZEVEDO et al., 2008).

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), na formação Montana, em Minas Gerais (WERNWCK et al., 2000a).
- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações das Terras Baixas e Submontana, em Minas Gerais (BRANDÃO et al., 1989; CARVALHO et al., 1996; ARAÚJO et al., 1997) e no Estado de São Paulo (CAVALCANTI, 1998; TOPPA et al., 2004).

Bioma Cerrado

- Campo Sujo, em Rondônia (MIRANDA et al., 2006).
- Savana ou Cerrado stricto sensu, em Minas Gerais, em Rondônia, no Estado de São Paulo (MANTOVANI; MARTINS, 1993), e em Tocantins, com frequência de até oito indivíduos por hectare (TOLEDO FILHO et al., 1989).
- Savana Florestada ou Cerradão, no Distrito Federal, em Minas Gerais, em Rondônia e no Estado de São Paulo, com frequência de até

51 indivíduos por hectare (COSTA; ARAÚJO, 2001).

Em Luiz Antônio, SP, foram encontrados 278 indivíduos por hectare com DAS (diâmetro à altura do solo) igual ou maior a 1 cm (PEREIRA-SILVA et al., 2004).

Outras Formações Vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário (mata ciliar), no Distrito Federal (SILVA JÚNIOR et al., 1998), em Goiás (SILVA et al., 2004), em Mato Grosso, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo, com 104 indivíduos em regeneração natural (IMANHA-ENCINAS; PAULA, 1994) e 14 indivíduos adultos por hectare (PAULA et al., 1996).

Dos 43 levantamentos florísticos e fitossociológicos de floresta ciliar do Brasil extra-amazônico, Rodrigues e Nave (2001) encontraram essa espécie em 8 levantamentos, ou seja, em 17% de trabalhos em que essa espécie foi amostrada.

Das 21 matas de galeria amostradas no Distrito Federal, essa espécie foi encontrada em 16 (SILVA JÚNIOR; PEREIRA, 2009).

Virola sebifera esteve entre as dez espécies na categoria de juvenis, de maior valor de importância (VI) encontradas em regeneração natural numa mata de galeria, no Distrito Federal. Contudo, a regeneração natural dessa espécie não foi observada no interior da mata, mas só na borda (RIBEIRO; FELFILI, 2009).

- Floresta inundável, em Tocantins (BRITO et al., 2006).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 900 mm, em Minas Gerais, a 2.300 mm, no Amapá e em Rondônia.

Regime de precipitações: as chuvas são periódicas.

Deficiência hídrica: de pequena a moderada, no inverno, no sul de Goiás. De pequena a moderada, no Acre, no Amapá e no Amazonas. De moderada a forte, no inverno, no oeste de Minas Gerais, no norte de Goiás e no centro de Mato Grosso. De moderada a forte, no norte do Maranhão, no oeste da Bahia, no sul de Rondônia, em Tocantins e na depressão do sudoeste de Mato Grosso.

Temperatura média anual: 20,4 °C (Araxá, MG) a 26,6 °C (Óbidos, PA).

Temperatura média do mês mais frio:

17,5 °C (Araxá, MG / Santa Rita do Passa Quatro, SP / Sete Lagoas, MG) a 25,7 °C (Macapá, AP / Óbidos, PA / São Luís, MA).

Temperatura média do mês mais quente: 22,2 °C (Araxá, MG) a 25,7 °C (Macapá, AP).

Temperatura mínima absoluta: -2,2 °C. Essa temperatura foi observada em Uberaba, MG, em 21 de julho de 1981 (BRASIL, 1992).

Geadas: são raras, no sul de Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais, e no Estado de São Paulo, a ausentes, no restante da área.

Classificação Climática de Köppen: **Am** (tropical, úmido ou sub-úmido), no Amapá e no Pará. **Aw** (tropical, com inverno seco), no Distrito Federal, no nordeste de Goiás, no oeste de Minas Gerais, no sul de Rondônia e no Estado de São Paulo. **Cwa** (subtropical, com inverno seco e verão quente), no Distrito Federal, no sudoeste de Minas Gerais, no Estado de São Paulo, e em Tocantins. **Cwb** (subtropical de altitude, com inverno seco e verão ameno), no sul de Minas Gerais e no Estado de São Paulo.

Solos

Virola sebifera ocorre em vários tipos de solos, principalmente em argilo-silicosos (MACHADO, 1949).

Tecnologia de Sementes

Colheita e beneficiamento: a colheita na árvore só deve ser feita quando os frutos estão se abrindo. Enquanto o fruto está fechado, a semente parece imatura.

As sementes devem ficar de molho para se remover o arilo. Em seguida, elas devem ser postas para secagem.

Número de sementes por quilo: 1.600 a 1.700 (LORENZI, 2002; SILVA JÚNIOR; PEREIRA, 2009).

Tratamento pré-germinativo: não há necessidade.

Longevidade e armazenamento: as sementes da ucuúba-do-cerrado são classificadas como recalcitrantes, quanto à capacidade fisiológica de armazenamento. Quando armazenadas em ambiente não controlado, elas perdem a viabilidade rapidamente.

Germinação em laboratório: usando temperatura alternada de 20 °C / 30 °C e alternância de luz (8 horas de luz e 16 horas de escuro), em substrato rolo de papel, Cavallari e Faiad (1987) não obtiveram germinação

para essa espécie, em testes conduzidos em germinadores, em decorrência da deterioração das sementes durante a germinação.

Produção de Mudas

Semeadura: recomenda-se fazer a semeadura em sacos de polietileno com dimensões mínimas de 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro, ou em tubetes de polipropileno grande. Quando necessária, a repicagem deve ser feita de 3 a 5 semanas após a germinação.

Germinação: é epígea ou fanerocotiledonar. A emergência tem início de 21 a 56 dias após a semeadura. Muitas vezes, a plântula apresenta dificuldade para levantar os cotilédones; o epicótilo fica torto ou até enrolado. O poder germinativo varia de 50% a 82%. As mudas atingem porte adequado para plantio, cerca de 4 meses após a semeadura.

Associação simbiótica: deve-se investigar a possível presença de fungos micorrízicos arbusculares nas raízes dessa espécie.

Características Silviculturais

Virola sebifera é uma espécie heliófila, que não tolera baixas temperaturas.

Hábito: essa espécie apresenta crescimento monopodial, emitindo galhos em ângulos de 90°, e derrama natural satisfatória.

Sistemas de plantio: a ucuúba-do-cerrado deve ser plantada em plantios puros a pleno sol ou em plantio misto associado com espécies pioneiras ou secundárias.

Sistemas agroflorestais (SAFs): essa espécie é recomendada para arborização de culturas perenes e de pastagens.

Crescimento e Produção

Há poucas informações sobre o crescimento de *Virola sebifera*, em plantios.

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade): a madeira dessa espécie é moderadamente densa (0,50 g.cm⁻³ a 0,76 g.cm⁻³) (TELES; PAULA, 1980; RODRÍGUEZ ROJAS; SIBILLE MARTINA, 1996; WOODCOCK, 2000).

Cor: o alburno é levemente diferenciado do cerne, com zona de transição gradual leve.

Enquanto o alburno apresenta coloração bege-pálida, o cerne é amarelo-pálido.

Características gerais: odor não distinto; sabor não distinto; lustre ou brilho moderado; grã reta; textura média; aparência ou veteado definida por anéis de crescimento e fibras, satinado pelo contraste dos raios, que são finos e ordenados.

Outras características: os caracteres macroscópicos e microscópicos da madeira dessa espécie podem ser encontrados em Teles e Paula (1980) e em Rodríguez Rojas e Sibille Martina (1996).

Produtos e Utilizações

Alimentação animal: os frutos dessa espécie contêm uma semente similar a uma noz, amplamente consumida pela fauna silvestre (RODRÍGUEZ ROJAS; SIBILLE MARTINA, 1996).

Apícola: essa espécie apresenta potencial apícola com produção de pólen fornecido pelas flores masculinas (LENZA; OLIVEIRA, 2006).

Celulose e papel: a madeira de *Virola sebifera* pode ser usada na fabricação de papel (TELLES; PAULA, 1980). Tem fibras abundantes, com 1,51 mm de comprimento (PAULA; HERINGER, 1979).

Constituintes fitoquímicos: como princípio ativo básico, *Virola sebifera* contém as substâncias N, N-dimetil-triptamina e 2-metiltetrahydro-β-carbolina (THE CHEMICAL... 1971).

Contudo, o fracionamento do extrato benzênico das sementes dessa espécie forneceu hidrocarbonetos alifáticos, triglicérides e, em menor proporção, a substância 1 e seu provável precursor (LOPES et al., 1983); outras substâncias de natureza graxa, 3 e 4, foram isoladas do extrato clorofórmico dos pericarpos.

Também, através das folhas, foram isoladas lignanas lactônicas 1-3 e ainda β-Sitosterol (VIEIRA et al., 1983).

Madeira serrada e roliça: a madeira dessa espécie é usada em construção civil e naval, em pontes, estruturas externas, mancais, cabos de ferramenta, carroças e tacos. É muito comercializada na Colômbia (RODRÍGUEZ ROJAS; SIBILLE MARTINA, 1996), sendo empregada na fabricação de caixas, de lâminas e de chapas para interiores.

Medicinal: dentre as propriedades medicinais conferidas a essa espécie, Silva Filho e Brandão (1992) citam o uso do fruto como anti-hemorroidal, e, da semente, como resolutiva de tumores.

Berg (1982a, 1982b) cita o uso da folha e da casca como vermífugo, contra males do estômago, cólicas intestinais, erisipela, inflamações, reumatismo e ferimentos.

Na medicina popular, a resina vermelha – que exsuda da casca por incisão – é empregada contra aftas, odontalgia (dor de dente cariado), reumatismo, gripes, nas anginas e nas erisipelas (RODRIGUES, 1980).

Como medicamento, é também usado no enfraquecimento ou perda da memória e no tratamento de faringite.

O sebo ou matéria gordurosa que se obtém da amêndoa do fruto é também usado na medicina caseira contra cólicas, dispepsia, afeções reumáticas, tumores artríticos e contusões. Sob a forma de supositório, a gordura é aplicada nas hemorroidas.

Como é comum a outras espécies do gênero *Virola*, com a casca dessa espécie, os nativos da Amazônia colombiana e brasileira preparam um alucinógeno chamado de *yakeé*, na Colômbia, e *paricá*, no Brasil (RODRÍGUEZS ROJAS; SIBILLE MARTINA, 1996).

Óleo: a semente dessa espécie contém até 65% de azeite (FITOQUÍMICA...1971). Na Colômbia, esse azeite é usado para fazer velas e sabão (RODRÍGUEZS ROJAS; SIBILLE MARTINA, 1996). Os nativos de Darien, na Colômbia, usam as sementes dessa espécie como combustível para iluminação.

Paisagístico: *Virola sebifera* é uma espécie recomendada para arborização e usada em praças e parques.

Plantios com finalidade ambiental: como as sementes e as folhas da ucuúba-do-cerrado são usadas na dieta alimentar de animais silvestres, essa espécie é recomendada para plantios ambientais.

Espécies Afins

O gênero *Virola* Aublet é representado por 38 espécies, com ocorrência desde a Guatemala até o Sul do Brasil, a maioria na Amazônia (SMITH; WODEHOUSE, 1938). Dessas 38 espécies, 35 ocorrem no Brasil (RODRIGUES, 1980).

Virola sebifera é uma espécie de formas muito variáveis de região para região e de lugar para lugar (RODRIGUES, 1980).

No Brasil, caracteriza-se, principalmente, por apresentar folhas grandes, muitas vezes cordadas na base, com nervuras secundárias espaçadas, página inferior densa e persistentemente tomentosa (tricomos dendríticos).

Como caráter geral dessa espécie, as flores masculinas têm anteras bem mais longas que o andróforo.

No Centro-Oeste e no Sudeste, *V. sebifera* tem tendência para apresentar folhas mais coriáceas, base acentuadamente cordada e nervuras basais nitidamente recurvas.

A espécie que mais se aproxima de *Virola sebifera* é *Virola urbaniana* Warb., sendo que as principais diferenças entre elas foram assimiladas por Paula e Heringer (1979).

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui